



Mordomia **CRISTÃ**

PARA EMPREENDEDORES



**RESPOSTAS A
PERGUNTAS DE
EMPREENDEDORES
CRISTÃOS**

DEMÓSTENES NEVES



APRESENTAÇÃO

Há alguns anos um empreendedor Adventista me abordou com a seguinte pergunta: “Pastor tenho algumas dúvidas sobre como devo proceder em relação a minha fidelidade nos dízimos e ofertas, mas por favor pastor, quero respostas fortemente embasadas na Bíblia e no Espírito de profecia”. Achei muito justa e pertinente a necessidade desse irmão e desde este momento venho “coleccionando” perguntas feitas por empresários e profissionais liberais sobre fidelidade.

Em vários momentos eu tive a oportunidade encontrar respostas bíblicas em conversas informais ou longas conversas ao telefone com o Pastor Demóstenes Neves.

O material que você tem em mãos é frutos dessas conversas e

tem como objetivo ajudar empreendedores cristãos a conduzir os seus negócios com base em um claro “Assim diz o Senhor”.

Este material consegue ao mesmo tempo ser um profundo estudo bíblico e uma leitura reflexiva com aplicações práticas para o dia a dia do empreendedor Adventista. O autor é um homem que ao longo do seu ministério tem conseguido cavar a palavra de Deus com a seriedade de um teólogo e ao mesmo tempo com a paixão de um pastor. Espero que a leitura dessa revista o leve a decisão de colocar por completo os negócios que Deus colocou em suas mãos no altar do Senhor.

Pr. Josanan Alves

Mordomia Cristã
Divisão Sul-Americana

1 QUEM É JESUS E COMO SEUS SERVOS DEVEM SE POSICIONAR DIANTE DELE?

Jesus é o Senhor e isso nos foi revelado pelo Espírito Santo (1 Co 12:3). Ele é o Verbo, Ele é Deus e se fez carne, e habitou entre nós, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna (Jo 1:1-3, 4; 3:16). A palavra “Senhor” (*kurios*) é o equivalente a dono “proprietário de tudo o que existe” (Sl 24:1). Por outro lado, nós somos apenas seus mordomos. A palavra “mordomo” no Novo Testamento (*oikonomos*) significa administrador, gerente da propriedade do Senhor (Dic. Strong), e ele vai pedir contas de nossa mordomia (administração).

...os dons espirituais são aqueles (toda capacidade) que são usados para edificar a igreja e sua missão sob a direção do Espírito Santo.

2 A CAPACIDADE PARA NEGÓCIOS E OS PRÓPRIOS BENS SÃO CONSIDERADOS DONS COMO PREGAR, POR EXEMPLO?

Sim, dons são meios materiais ou imateriais concedidos por Deus para que as pessoas o sirvam durante a vida, particularmente na sua igreja. Algumas pessoas podem pensar que os dons são apenas de instrução e devoção para pregar e orar. Porém, os dons espirituais são aqueles (toda capacidade) que são usados para edificar a igreja e sua missão sob a direção do Espírito Santo.

Os dons mencionados na Bíblia são diversos (1Co 12) e variam de igreja para igreja conforme a necessidade (Rm 12; 1 Co 12; Ef 4). Eles podem ser habilidades manuais como de um artesão, escultor ou costureiro, por exemplo (Êx 31:1-11). Também podem ser dons musicais, intelectuais, assistenciais, técnicos, etc, como cantar, tocar, pregar, ensinar, governar, presidir, ajudar e aconselhar (1Co 12:28; Rm 12:8).

Há também no governar e presidir os dons comerciais e administrativos, os quais Jesus menciona muito em suas parábolas (Mt 9:38; 20:1-8). E há os dons físicos, como a força de Sansão (Jz 14:5-6), entre outros dons, que Deus concedeu

para que seu nome seja glorificado e anunciado no mundo.

Existem dons sociais e relacionais como influência, poder e posição. Porém, há um tipo de dom que as pessoas não lembram que é um dom de Deus: os bens materiais e o dinheiro.

A Bíblia diz que toda “boa dádiva” (dom) e todo “dom perfeito” vem do alto, do Pai das luzes (Tg 1:17). Nesse espectro se inclui o dom para ganhar dinheiro e o próprio dinheiro que alguém possui.

A mesma mensagem está no livro de Eclesiastes, que classifica os bens e a capacidade para usá-los como um dom de Deus: “E a todo o homem, a quem Deus deu riquezas e bens, e lhe deu poder para delas comer e tomar a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom [ou uma dádiva, presente] (heb. *mathat*) de Deus.” Ec 5:19 (v. 18 no WLC).

Deus dá os dons e o poder para usá-los, incluindo aí os bens materiais com um dom de Deus. Assim, se um pregador ou cantor deixam de exercer seu dom para o serviço do Senhor, um dia deverão dar contas a Deus. Se alguém que tem dom para ganhar dinheiro e possui bens não usa esse dom para promover a

obra da igreja de Cristo, ele está em falta com Deus.

Portanto, de acordo com exemplos bíblicos, a habilidade para obter riquezas e as próprias coisas materiais são dons de Deus, sejam poucas ou muitas, e devem ser usadas para o Seu serviço.

3 COMO DEUS SE IDENTIFICA COM OS EMPREENDEDORES NOS NEGÓCIOS?

Jesus é representado na Bíblia como advogado, rei, etc., mas é representado com bastante frequência como **homem de negócios**. Em várias parábolas e histórias dos Evangelhos, Jesus é representado por dono de seara, vinha e negociantes (Mt 9:38; Mt 13:45; 20:1-8).

Esses empresários são denominados *kurios* (senhores) para ilustrar o Cristo, o grande *Kurios* (Senhor). Há também outros termos que se referem ao empresário que tem negócios e espera resultados de seus administradores (mordomos). Nesse sentido, o que um empreendedor espera de seus empregados, em termos de fidelidade e dedicação, Deus também espera dos seus servos na terra.

Todo empresário é, ao mesmo tempo, um mordomo, servo de

Cristo, e, também, no sentido geral, um patrão. Esse modelo empresarial representa Jesus como o proprietário do empreendimento multinacional e global do evangelho de salvação. Cristo espera que os empresários de sua igreja se identifiquem como seus instrumentos e utilizem seus recursos e talentos para o avanço da causa.

4 COMO ERA A ECONOMIA EMPRESARIAL NO CONTEXTO BÍBLICO?

Após o Êxodo, a terra de Canaã foi dividida entre as tribos, com exceção da tribo de Levi (Nm 34-36; 1RS 4:25). No contexto bíblico, Israel era organizado em famílias, clãs e tribos e o sistema familiar era o patriarcal. O bem mais importante era a terra e o negócio era principalmente a pecuária de bovinos, ovinos e caprinos e a agricultura de vinhedos, oliveiras, figueiras, trigo, cevada e outros cereais e frutas.

Israel era uma nação de empresários, e a maioria das famílias se dedicava ao agronegócio. De acordo com a *Encyclopedia Judaica*, 2ª ed., vol 1, página 471, por volta do período quando a Bíblia foi escrita, mais de 50% da população no antigo Israel era de agropecuaristas. Os demais viviam em pequenas cida-

des e vilas em atividades administrativas ou também eram empresários do comércio e da indústria. Portanto, o grosso de sua economia era de empresários.

As tribos eram constituídas grandemente de “empresas familiares” e, mesmo depois do cativeiro babilônico, a maioria da população continuou a ser de negociantes do campo. Por isso, ao dar o mandamento do sábado, o Senhor fala a essa rede de empreendimentos privados da nação israelita e ajusta a linguagem do mandamento à situação específica de Israel daqueles dias.

O Senhor indica que no sábado o empresário deveria cuidar para que seus servos, seus animais, e seus filhos (todos os que trabalhavam na empresa do agronegócio) cessassem o trabalho.

Este mandamento (Êx 20:8-11) contém os princípios da guarda do sábado aplicáveis a todas as pessoas, em qualquer situação. No entanto, o contexto do mandamento parte da condição do israelita como empreendedor no agronegócio e é um apelo a todos os empresários de todas as épocas.

Esses empresários que serviam a Deus empregavam a maior parte dos

trabalhadores do país, os quais descansavam no sábado. Também eram eles os mesmos que mantinham o sistema religioso de Israel, pois eram responsáveis pela maior parte dos dízimos e ofertas. Essa é uma lição de fidelidade válida até hoje.

Em termos modernos o mandamento poderia dizer: “nenhum trabalho farás em tua empresa, comércio, indústria e nem em tua fazenda, horta e pomar, nem tu, nem teu empregado (servo) nem teu filho que trabalha e vive contigo, nem teus animais de tração, transporte e carga e nem alguém que estiver visitando ou trabalhando em tua propriedade ou negócio.”

Nesse sistema, de empresa familiar, o dízimo e as ofertas eram entregues pelo patriarca representado pela família. Embora houvesse comércio, indústria e profissionais individuais como carpinteiros, ferreiros, pedreiros e outros, a renda da população era predominantemente da terra, das fazendas e chácaras. Esse era o negócio das famílias de Israel com o patriarca como gerente da empresa familiar. Desse empreendedorismo os patriarcas das famílias entregavam o dízimo e as ofertas.

Nesse sentido, a ênfase sobre o dízimo da agropecuária (Lv 27:30-34 e Nm 18:24-31) era representativa

das demais fontes de renda, mas o dízimo e as ofertas incidiam sobre tudo (Pv 3:9).

5 ENTÃO O DÍZIMO INCIDIA SOMENTE SOBRE PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO E SOMENTE EM ANIMAIS OU COLHEITAS? NÃO SE DAVA DÍZIMO EM DINHEIRO?

“O santuário somente aceitava dízimo em dinheiro se fosse em siclos, a moeda ou peso padrão do santuário, que equivalia a vinte geras ou 11,4 gramas (Êx 30:13, 24; 38:24-26; Lv 27:31). Produtos do campo, de coisas consagradas e dízimo podiam ser transformados em dinheiro pelo resgate (Lv 27:31 cf. v. 16, 19, 25) e iam para o tesouro do Senhor. Pelas limitações do espaço nas câmaras, eram armazenados produtos do campo, mas em quantidade suficiente para a manutenção dos serviços do templo”.

Por se tratar de uma nação economicamente baseada principalmente no agronegócio, alguém poderia imaginar que o dízimo se aplica somente sobre produtos agropecuários (plantações e gado), mas essa interpretação seria errada, pois se sustentaria em somente dois trechos da Bíblia (Lv 27; Nm 18), quando há outros textos bíblicos mais abrangentes.

Assim, o dízimo não se restringe apenas a produtos agropecuários, mas a todos os pertences do adorador, como veremos mais adiante.

6 COMO ERA FEITA A ENTREGA DE CASAS, TERRAS, COLHEITAS E ANIMAIS QUE ERAM CONSAGRADOS AO SENHOR, INCLUINDO O DÍZIMO?

Bens imóveis (terras e casas, por exemplo) consagrados à obra do Senhor deveriam ser avaliados pelo sacerdote e vendidos pelo preço da avaliação; e então, o valor era depositado na casa do tesouro do santuário. A parte da colheita e do gado consagradas ao Senhor, bem como a parte correspondente ao dízimo

desses negócios, uma vez que eram bens móveis, deveriam ser levados ao santuário porque o adorador não estava autorizado a vender pelo valor que lhe parecesse justo.

De acordo com Levítico 27:8 em diante, tudo o que era consagrado ao Senhor (votos, dízimos, etc.) deveria primeiro passar pelo sistema de avaliação do Templo. O sacerdote é que se encarregaria de avaliar todos os animais e produtos da terra que, vendidos em seguida, seriam transformados em dinheiro e guardados no tesouro do Templo. As demais atividades comerciais e industriais não precisavam de avaliação do sacerdote, mas o dízimo e as ofertas eram entregues diretamente na casa do tesouro.



...devemos honrar a Deus com os “bens” ou riquezas (*hon*) e as primícias de “todas”, a totalidade (*kol*) das “rendas” ou entradas da produção (*tevuah*). Ou seja, tudo o que for rendimento ou produção, entradas ou ganhos deviam ser dizimadas e feitas as devidas ofertas.

Não havia currais e nem estrebarias no santuário. Na parte externa do santuário era feita a avaliação porque o templo não colocava no tesouro o animal dizimado ou ofertado, mas o valor correspondente.

No entanto, como mencionado, o único autorizado a fazer a avaliação para a conversão do produto em dinheiro, na moeda do templo, era o sacerdote, porque o adorador não era autorizado a fazer isso. Daí a necessidade de levar os animais ao templo, mas isso não significava que o dízimo era somente em animais ou de colheitas, mas em dinheiro e outros objetos, conforme outros textos indicam claramente.

Por isso, jamais os saqueadores do Templo acharam animais ou grande quantidade de suprimentos no Templo, mas encontraram dinheiro e metais de valor. De um

jeito ou de outro, o dízimo somente entrava na casa do tesouro na forma de objetos de valor e dinheiro, jamais como animais e a totalidade dos frutos e cereais, salvo o alimento necessário para as atividades cotidianas do Templo.

7 QUAL OUTRO TEXTO QUE INDICA QUE O DÍZIMO E OFERTAS ABRANGEM TUDO QUE SE POSSUI E NÃO SOMENTE PRODUTOS DO CAMPO E ANIMAIS?

Vários textos. Por exemplo, o livro de Provérbios 3:9-10 declara que devemos honrar a Deus com os “bens” ou riquezas (*hon*) e as primícias de “todas”, a totalidade (*kol*) das “rendas” ou entradas da produção (*tevuah*). Ou seja, tudo o que for rendimento ou produção, entradas ou ganhos deviam ser dizimadas e feitas as devidas ofertas. Tudo o que significar aumento de posses

deve ser para honrar ao Senhor. Nesse caso a passagem está dizendo que o dízimo incide sobre mais do que produtos da agropecuária.

Outros exemplos são Abraão que deu dízimo de tudo (Gn 14:20), bem como Jacó que prometeu dar o dízimo de tudo o que Deus lhe desse (Gn 28:22). E mesmo nos dias de Cristo ainda era costume dar o dízimo de tudo o que se possui, mesmo um fariseu de Jerusalém que, normalmente, não trabalhava com produtos do campo (Lc 18:12). Portanto, o dízimo é, sobre tudo, a totalidade dos bens e dinheiro que se possui.

8 HÁ EXEMPLO PRÁTICO DESSA ENTREGA DE TUDO?¹

Sim. Ao refletir sobre o exemplo do patriarca Abraão, por exemplo, vemos que ele não restringiu o dízimo aos animais e cereais do despojo que, por direito, lhe pertencia, mas deu o dízimo de “tudo” o que resgatou e por direito passou a ser seu (Gn 14:18-20).

A palavra “tudo” (heb. *Kol*), no texto acima, significa totalidade da propriedade e a palavra “bens” no hebraico é *rekush*. Essa palavra se aplica, segundo o dicionário (Dic.

Strong), a animais, comida e objetos, ouro, prata e roupas que eram bens transportáveis. Abraão deu dízimo de todo o *rekush* que ele trouxe de volta. Então, o dízimo é de tudo, porque o despojo envolvia alimentos, animais e objetos.

Notem que os reis invasores (Gn 14:1-11) tinham tomado de Sodoma (v.11) todos os “bens” (*rekush*) e todo o seu mantimento, comida ou cereal (*okel*). Assim, eram bens de dois tipos. Nessa passagem menciona bens (*rekush*) e mantimento (*okel*) e se refere a alimento e cereais.

Então Abraão dizimou duas coisas: todo *rekush*, os bens materiais como animais e ouro, prata, objetos e dinheiro, bem como o *okel*, os cereais e alimentos que ele resgatou. Portanto, o dízimo não é somente de animais e produtos do campo, mas de todos os bens ou propriedades, de todo *rekush* que temos, incluídos, para os agricultores, os cereais e mantimentos (*okel*).

¹Dictionary of hebrew taken from Strongs Exhaustive concordance by James Strong, 1890. Sobre hon em Provérbios 3:9-10. Versão eletrônica.

Idem. Sobre kol.

Idem. Sobre tevuah.

Dictionary of hebrew taken from Strongs Exhaustive concordance by James Strong, 1890. Sobre rekush em Gênesis 14:1-11 e 28:18-22. Versão eletrônica.

Idem. Gn 14:11. Okel Idem, Gn 28:18-22.

Kol significa tudo, totalidade.

9 O DÍZIMO É SOBRE O SALÁRIO APENAS, OU SOBRE HERANÇA E OUTROS GANHOS?

Como vimos, é sobre tudo. O Exemplo de Jacó ensina que é sobre “tudo o que me deres” que se deve dar o dízimo (Gn 28:18-22). Seu conhecimento sobre o dízimo é revelado no seu voto. “Então esta pedra que tenho posto como coluna será casa de Deus; e **de tudo quanto me deres**, certamente te darei o **dízimo**”, (Gn 28:22. JFA-RC).

Fica evidente que Jacó não havia, pessoalmente, dizimado até àquele momento, simplesmente porque, no sistema patriarcal, Jacó não possuía bens, mas prometeu que daria o dízimo de tudo (*kol*) o que Deus lhe desse.

Deus não dá somente produtos do campo e animais. Portanto, o dízimo recai sobre tudo o que Deus dá. Tudo o que temos.

Pode-se pensar que o voto de Jacó foi pontual e apenas pessoal e encerrou em sua experiência particular, mas não é bem assim. Quatro aspectos importantes podem ser destacados no voto de Jacó que mostram a abrangência na história da família do patriarca, e o valor espiritual e profético de seu voto.

- (1) Como o relato deixa claro (Gn 28), naquele momento ele fugia do irmão sem levar nada, porque não era dono de nada. Dependia do pai, o patriarca Isaque, portanto não tinha tido renda para devolver dízimo algum até então;
- (2) Ele havia disputado com seu irmão, antes da fuga, exatamente para poder ser herdeiro da primogenitura e dos bens paternos, o que acabou não conseguindo, pelo menos no que se refere aos bens;
- (3) No patriarcado, o dízimo era dado pelo patriarca, o único proprietário. Portanto, até àquele momento, ele não poderia ter dizimado, pois nem era dono de nada e nem era seu dever fazê-lo. Se não tivesse fugido e tivesse tomado posse de sua herança paterna, Jacó po-

deria continuar a tradição familiar de dizimista como exemplificado em Abraão;

- (4) Assim, o voto de Jacó indica três coisas: (a) que ele conhecia a prática do dízimo; (b) que incidia sobre “tudo” o que conseguisse ter posse e; (c) que isso se relacionava com sua adoração a Deus, a casa de Deus. Era uma questão espiritual porque foi numa visão do céu e um voto de consagração no qual ele incluiu o dízimo.

No caso de Abraão, citado acima, ele deu o dízimo de tudo que naquele momento passou a possuir, não pelo trabalho normal, mas pelo resgate, na guerra. Também no caso de Jacó, agora ele passaria a dizimar por si mesmo ao adquirir pelo trabalho pessoal seus próprios bens.

Assim, o dízimo incide sobre tudo o que passa a nos pertencer, seja pelo trabalho, normal, pela herança, ou por situações excepcionais que pela lei venha a nos pertencer como no caso de Abraão..

10 MAS A QUEM JACÓ ENTREGARIA O DÍZIMO ANTES DE EXISTIREM LEVITAS?

Evidentemente a sacerdotes como os da “ordem” de Melquisedeque (Gn 14:18-20; Sl 110:4; Hb 5:6, 10; 6:20; 7:11, 17, 21). É claro que, se havia uma “ordem” é porque havia um grupo que se sucedia na função sacerdotal. Jesus é membro dessa ordem, embora não saibamos quase nada sobre o próprio Melquisedeque e nem sobre sua ordem sacerdotal.

Portanto, havia uma ordem de sacerdócio na região do Oriente Médio para receber dízimo, como Melquisedeque recebeu. Nesse sentido, Jacó pretendia entregar o dízimo a alguém que era sacerdote, como fez seu avô Abraão, e não gastar de qualquer maneira ou como achasse melhor.

É evidente que o voto de Jacó indica que ele já sabia sobre o dízimo, e que deveria ser fiel, conforme havia aprendido de seu contexto familiar. Não se tratava de um pacto pontual só de Jacó, como veremos na próxima resposta.

11 O VOTO DE JACÓ VALE COMO EXEMPLO DE FÉ E TEM VALOR PRO-FÉTICO PARA NÓS HOJE?

Exatamente para sermos israelitas espirituais devemos vivenciar o voto de Jacó em nossas vidas. Para dar base a esse entendimento, a leitura do voto de Jacó aponta para três decisões: (a) o Senhor será o meu Deus, (b) esse lugar será casa de Deus, e (c) de tudo o que me deres, certamente te darei o dízimo.

Portanto, a primeira parte do voto trata de algo que ele conhecia e já fazia: Deus era seu Deus, portanto uma reafirmação de sua fé. Nada de novo. A segunda parte do voto fala da casa de Deus, lugar de adoração. A terceira e última parte fala do que já tinha ouvido na história do seu avô Abraão: “de tudo o que me deres certamente te darei o dízimo.”

Assim, estão envolvidos no voto de Jacó o histórico da sua família e revelação divina sobre seus futuros descendentes físicos e espirituais. Por isso, ele prometeu ser fiel ao único Deus, lançou a pedra fundamental como coluna da futura da casa espiritual de Deus e decidiu ser fiel na devolução do dízimo.

Fica claro que o voto de Jacó não é algo pontual, mas uma expressão

de fé e prática de família, passada de geração em geração. Seu voto era um compromisso de continuar a fazer o que sua família fazia desde seu avô Abraão. Isso incluía de adorar o único Deus que sua família adorava, aceitar a revelação da casa de Deus dada em Betel, e dizimar como sua família de origem dizimava. Essa experiência revela que ele tinha conhecimento anterior do dízimo e, naquela situação difícil, ele fez um compromisso de seguir na vida os passos de seus pais e avós.

Em harmonia com essa análise declara Ellen White:



O sistema do dízimo remonta para além dos dias de Moisés. Requeria-se dos homens que oferecessem dons a Deus com intuítos religiosos, antes mesmo que o sistema definido fosse dado a Moisés - já desde os dias de Adão. Cumprindo o que Deus deles requer, deviam manifestar em ofertas a apreciação das misericórdias e bênçãos a eles concedidas. Isto continuou através de sucessivas gerações, e foi observado por Abraão, que deu dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo. O mesmo princípio havia nos dias de Jó. Jacó, quando errante e exilado, destituído de bens, deitou-se à noite em Betel, solitário e tendo por travesseiro uma rocha, prometeu ao Senhor: “De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo.” Gên. 28:22. Deus não obriga os homens a dar. Tudo quanto derem, deve ser voluntário. Não quer ter o Seu tesouro cheio de ofertas dadas de má vontade.. (White, Conselhos sobre mordomia, 42).



Assim, o voto de Jacó, de dizimar, foi um compromisso patriarcal e profético, válido para todos os seus descendentes físicos e espirituais. Esse voto de fato refletia a continuação da experiência espiritual dos antepassados de Jacó e, profeticamente, descrevia como seriam os descendentes de Jacó, porque o voto estava conectado com o passado (dizimista como seus pai e avô) e com os futuros descendentes físicos e espirituais de Jacó (israelitas e a igreja).

12 QUAL A RELAÇÃO ESPIRITUAL ENTRE O VOTO DE JACÓ E JESUS E A IGREJA?

(1) No sentido acima, em Jesus, somos seguidores do Deus de Jacó e, mais tarde, quando Deus lhe muda o nome para Israel, nós, ao imitarmos a fé de Jacó, nos tornamos israelitas espirituais, uma designação usada para a igreja no Novo Testamento (Mc 12:29; Lc 1:16; Jo 1:49; At 13:23; Gl 6:16).

A Escada

(2) Jesus é a Escada na revelação de Deus a Jacó, por onde os anjos de Deus sobem e descem, unindo o céu à terra (Jo 1:51). Portanto, unir-se à igreja e promover a sua missão é edificar a casa de Deus, porque quem rece-

be Jesus está na escada de Jacó, portanto está em Betel, que significa na “casa de Deus”. No voto de Jacó estava a fé em Deus, estava Jesus (a Escada) e estava o dízimo. A nossa fé é a fé de Abraão, Isaque e Jacó (Israel).

Dizimista

(3) O voto de Jacó é o compromisso de fé de todo crente em Cristo. Por isso, servimos ao Deus de Abraão (declaradamente dizimista), ao Deus de Isaque (obviamente dizimista) e ao Deus de Jacó (declaradamente dizimista).

Finalmente, na terceira e última parte do voto, o dízimo seria dado por ele e, na condição de patriarca, por todos os seus descendentes físicos (Israel) e espirituais (Igreja) que seriam dizimistas ao reconhecerem o Deus e o voto de Jacó, tornando-se israelitas.

Assim, esse voto tríplice de Jacó, em cada uma de suas afirmações, se cumpre na dimensão física de sua descendência (Israel físico) e na dimensão espiritual do cristianismo (Israel espiritual). Um voto do estilo de vida a ser adotado por Jacó e seus descendentes físicos e espirituais, como de fato aconteceu em Israel físico e na igreja.

Nesse sentido, a adoção do Deus de Jacó é a fé dos fiéis até hoje. A casa de Deus, Betel, é onde Jesus, a Escada está, a igreja hoje. A fidelidade no dízimo também foi parte do voto de Jacó e ainda é prova de fidelidade a Deus, válido para a verdadeira família espiritual de Jacó (Israel espiritual), que é a igreja hoje.

Finalmente, Jacó constituiu seu próprio negócio e, como empresário, legou aos seus descendentes a sua bênção a todos os que são fiéis a Deus, por Cristo, reconhecendo-o através de sua fidelidade em todas as coisas.

13 NO ANTIGO ISRAEL DAVA-SE DÍZIMO DO LÍQUIDO OU DO BRUTO?

Não há distinção entre líquido e bruto na Bíblia. Todo bem material que não se possuía e se passava a possuir era considerado uma dádiva de Deus e, por isso, dizimável. Ao final da colheita, por exemplo, conferia-se o que aumentou na fazenda e, então, dizimava-se. Pelo texto bíblico, era a constatação material do aumento, o resultado positivo que ensejava o dízimo. Em nenhum momento a Bíblia fala de abater algo na hora de dizimar porque toda a despesa do negócio agropecuário, a em-

presa da família, já havia sido feita ao longo do processo.

O jornaleiro, diarista, recebia ao final do dia o resultado do seu trabalho e dizimava daquele salário, resultado final de seu labor, o dízimo do aumento total depois da jornada de trabalho. Mas as fazendas e empresas do Antigo Testamento dizimavam depois de pago aos que trabalharam para os donos.

Essa mesma situação aconteceu com Abraão que, na empreitada conjunta da guerra de resgate de Ló e família, devolveu primeiro o dízimo de tudo, abatendo o que os homens consumiram e a parte dos seus confederados (Gn 14:24).

Notemos que Abraão (Gn 14:23), depois de devolver o dízimo a Melquizedeque, entregou os noventa por cento restantes para os antigos donos. Ele dizimou porque os bens eram seus, mas não usufruiu nada daquelas posses que eram suas. Assim, o dízimo incide sobre tudo o que é nosso, mesmo que em seguida, deixemos tudo para outro. A obrigação de dizimar é dos proprietários do momento (Gn 14:20).

Em resumo, a empresa dizima do resultado final (sua situação líquida a cada período), porque esse é seu au-

mento (conf. Pv 3:9; Gn 14:11, 16, 20) *hon* (posses), seu *rekush* (bens, riquezas) ou sua *tevuah* (rendas).

Já o assalariado dizima do salário bruto final porque recebe a totalidade dos proventos em troca de mão de obra, e o salário todo é aumento *hon* (posses) ou *rekush* (bens, riquezas).

Pelas indicações da prática bíblica, o empresário que retira seu pró-labore (retirada a título de “salário” feita pelos sócios) dizima, como vimos, como assalariado desse *hon* ou *rekush* (posses) que lhe fornece uma *tevuah* (rendas), sempre e imediatamente quando o recebe. Por outro lado, sua empresa no final do exercício, dizima do aumento líquido, ou das rendas (*tevuah*) da propriedade (*hon, rekush*) que é sua empresa de qualquer ramo, como indica os textos e exemplos bíblicos sobre os empresários dos tempos bíblicos.

14 QUAL O PERÍODO PARA DIZIMAR?

O mais curto possível. Por várias razões:

- (1) Porque devemos buscar **primeiro o reino de Deus** (Mt 6:3);
- (2) Porque o **dízimo e as ofertas eram tiradas em primeiro lugar junto com as primícias** (Pv 3:9);
- (3) Porque dizimar e ofertar deve ser costume sistemático **semanal**.

Os seguidores de Cristo não devem esperar por apelos missionários emocionantes para despertá-los à ação. Se espiritualmente despertados, ouviriam **na renda de cada semana**, seja muito ou pouca, a voz de Deus e da consciência com autoridade exigindo os dízimos e ofertas devidas ao Senhor. - T4 474.

- (4) Porque evita o risco de acumular.

Algumas pessoas têm por muito tempo negligenciado tratar honestamente com seu Criador. Deixando de separar o dízimo sema-

nalmente, **permitiram que este se acumulasse**, até alcançar uma grande quantia, e agora relutam muito em endireitar a questão. The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1890. - CM 61.8

- (5) Porque a **obra de Deus tem pressa para salvar** almas.

Poremos na causa de Deus o dinheiro que nos foi confiado e devotar-nos-emos também sem reservas a Sua obra? As necessidades da obra são-nos expostas; os tesouros vazios constituem para nós mui comovente apelo. **Um dólar agora vale mais do que dez num período futuro.** - TS2 328.2

- (6) Porque a dízimo e ofertas não devem em ser entregues em períodos prolongados, por isso o conselho de **“não trazer meramente uma oferta anual”**. TS 1, p. 237 e vol. 2, p. 573.

15 É CORRETO DIRECIONAR AS OFERTAS E DÍZIMOS PARA PROJETOS MISSIONÁRIOS PARTICULARES E DE CARIDADE?

Na Bíblia a aplicação dos dízimos e ofertas jamais é feita pelo doador, mas é entregue no santuário, na casa do tesouro (Ml 3:8-10). Não há um único caso do dízimo do ministério sendo usado para outra coisa a não ser para ser entregue na casa do tesouro para manter ministros. “Todo” dízimo era para os sacerdotes (Lv 27:30-33; Nm 18:21). Do mesmo modo, as ofertas do santuário e as ofertas voluntárias nunca são usadas para projetos particulares.

As ofertas e provisões para caridade e projetos particulares vinham de outros recursos, como a respíga (Dt 24:19-22; Lv 19:9-10) e o direito de alimentar-se na seara alheia (Dt 23:24-25). Havia também o segundo dízimo (Dt 14:28-29 e 26:12-13) para despesas religiosas da família e atendimento aos que não tinham terras ou eram pobres e estrangeiros.

Assim, na Bíblia, havia dois tipos de ofertas e dízimos religiosos: o dízimo e as ofertas somente para o santuário, e os dízimos e ofertas que tinham outras finalidades religiosas e caritativas. Havia tam-

bém um terceiro dízimo, mas esse era um imposto instituído quando surgiu a monarquia em Israel (1Sm 8:15 em diante).

Outros recursos eram utilizados para projetos pessoais de caridade ou religiosos, mas a oferta do templo e o dízimo jamais são direcionados pelo doador. A palavra “oferta” nas escrituras significa “presente” que se dá a alguém e sobre o qual não se tem mais controle, conforme a palavra *Terumah*, que corresponde a presente e está em Malaquias 3:8-10.

Assim, nossos dízimos e ofertas somente são, de fato, ofertas, quando entregamos à igreja para que ela decida o que vai fazer de acordo com os projetos e necessidades da obra.

16 QUAL A IMPORTÂNCIA DE LEMBRAR ESSAS COISAS?

Porque três advertências **divinas** válidas para toda a **humanidade** se destacam na Bíblia para **lembrar**, usando o mesmo verbo:

- (1) Lembra (heb. *zakar*) do sábado porque o Senhor é o Criador (Êx 20:8);
- (2) Lembra (heb. *zakar*) do teu Criador nos dias da tua mocidade (Ec 12:1);
- (3) Lembra (heb. *zakar*) que é Deus quem dá forças para adquirir riquezas (Dt 8:18).

“Antes te lembrarás do SENHOR teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires riqueza; para confirmar a sua aliança, que jurou a teus pais, como se vê neste dia.” Dt 8:18.

Em relação particular ao terceiro texto, a força (ou habilidade, capacidade) que Deus dá para adquirir riquezas tem uma finalidade muito clara: confirmar a aliança. A aliança era que seriam seu povo e Deus seria seu Deus. Assim, as riquezas servem (ou deveriam servir) para nos



lembrar de que Deus (assim como no sábado e na juventude) é o nosso Deus e usar esse dom para a obrar do Senhor.

Infelizmente, alguns “esquecem” de que Deus lhes dá força para obter riqueza com o objetivo de confirmar a aliança de fidelidade a Deus. A Bíblia ensina que quando a pessoa recebe de Deus uma missão e não a cumpre fielmente, ele cai no pecado de rebelião, que é como feitiçaria (vide o caso de Saul em 1Sm 15:23).

Todo dom de Deus é para firmar sua aliança conosco: cantar para firmar nossa aliança, pregar para firmar nossa aliança, ser fiel na generosidade com a obra confirmando a aliança de Deus conosco. Foi para isso que ele deu o dom.

Portanto, lembrar essas coisas é importante para a vida espiritual dos que foram privilegiados com o dom da “força” ou capacidade para adquirir riquezas.

“Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; Que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; Que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna.” (1Tm 6:17-19).

REFERÊNCIAS:

White, E. G. *Conselhos sobre mordomia*. Casa Publicadora Brasileira, SP, edição digital, 2007.

Encyclopaedia Judaica. 2ª ed. Keter Publishing House, Thomson Gale, USA, vol. 1, 2007.

Dictionary of hebrew taken from Strongs Exhaustive concordance by James Strong, 1890. Sobre hon e kol, em Provérbios 3:9-10 e sobre *tevuah* e *rekush* em Gênesis 14:1-11 e 28:18-22. Versão eletrônica.

Crédito das imagens: Gettyimage e lightstock

ORAÇÃO DO EMPREENDEDOR ADVENTISTA:

“Sou todo Teu, meu Salvador; pagaste o resgate por minha vida, e tudo o que sou ou ainda espero ser é Teu. Ajuda-me a adquirir meios, não para gastá-los nesciamente, nem para condescender com o orgulho, mas para usar para a glória do Teu próprio nome”

Ellen White, *Conselhos sobre Mordomia*, pág. 46.



Igreja Adventista
do Sétimo Dia[®]

MORDOMIA CRISTÃ